



## Topônimos latino-americanos: um estudo etimológico

### *Latin American toponyms: an etymological study*

Letícia Santos Rodrigues

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo/Brasil

letisr@usp.br

**Resumo:** A elaboração de pesquisas na área da Onomástica, ciência linguística que se dedica aos estudos dos nomes próprios, não deveria se pautar apenas em um viés puramente linguístico, visto que o ato de nomear pessoas, lugares, animais e até objetos não se dá por acaso. Os nomes próprios carregam, em si, a memória e a cultura estabelecida por suas comunidades, fato que se confirma, inclusive, diante da grande afinidade que a Onomástica possui com outras áreas do conhecimento, como a Etimologia, História, Geografia, Antropologia, Sociologia, dentre outros. Para tanto, ela se divide em diversas vertentes, dentre as quais se destacam duas precípuas: a Antroponímia (estudo dos nomes de pessoas) e a Toponímia (estudo dos nomes de lugares), considerando aspectos como origem, forma e evolução. Este estudo trata mais especificamente dos topônimos referentes aos nomes dos países que compõem a América Latina, sob o esteio metodológico da Etimologia. Dessa forma, remonta-se, a partir da consulta a diferentes dicionários etimológicos, como Nascentes (1952), Corominas (1954), Cunha (1996) e Machado (2003), além de outros materiais de apoio, algumas informações sobre como se deu esse processo de nomeação, juntamente com suas possíveis motivações, considerando os aspectos idiossincráticos de cada lugar. É possível perceber que as razões relacionadas às escolhas dos topônimos analisados foram diversas, tais como aspectos físicos/geográficos e/ou culturais, personalidades históricas, religião e, às vezes, até motivações desconhecidas. Tal desconhecimento, contudo, não invalida pesquisas em Onomástica, mas estimula outros estudiosos a continuar buscando suprir tais lacunas.

**Palavras-chave:** Onomástica; Etimologia; Toponímia; América Latina.

**Abstract:** The development of research in the field of Onomastics, the linguistic science that is dedicated to the study of proper names, should not be ruled on a purely linguistic bias, since the act of naming people, places, animals and even objects is not done by chance. Names themselves carry within them a memory and the culture established by their communities, a fact that is confirmed by the large affinity that Onomastic shares with other areas of knowledge such as Etymology, History, Geography, Anthropology, Sociology among others. Therefore, Onomastics is divided into several sub-areas, among which the following are the two fundamental: Anthroponymy (study of names of people) and Toponymy (study of place names), considering aspects such as origin, form and evolution. This study focuses on Toponyms referring to the names of Latin American countries, under the methodological mainstay of Etymology. In this way, it attempts to reassemble, from different etymological dictionaries like Nascentes (1952), Corominas (1954), Cunha (1996) and Machado (2003), besides other supporting materials, information about how this process occurred, along with their possible motivations, while considering the idiosyncratic aspects of each place. It is possible to see that the reasons related to the choices of the toponyms analyzed were varied, ranging from physical / geographical and / or cultural aspects, to being based on historical personalities, religion, and sometimes even unknown reasons. The latter, however, does not invalidate surveys in Onomastics, but encourages other scholars to continue trying to fill such gaps.

**Keywords:** Onomastics; Etymology; Toponymy; Latin America.

Recebido em 27 de novembro de 2017

Aceito em 12 de março de 2018

## 1 Introdução

O estudo dos nomes próprios, apesar de frequentemente desconsiderado no âmbito linguístico, é um meio bastante profuso para se conhecer mais sobre aspectos sócio-histórico-culturais, visto que o léxico onomástico carrega em si várias informações ao, de certa forma, retratar momentos de um povo em dada época. O ato de nomear corresponde a uma prática antiquíssima, confirmada pela atribuição de vocábulos designativos a pessoas, animais, lugares e até mesmo a alguns objetos. Sobre esse aspecto, afirma Biderman:

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. (BIDERMAN, 1978, p. 139)

Para tanto, a ciência linguística que se dedica ao estudo dos nomes próprios é a Onomástica que, por sua vez, se ramifica em diversas vertentes, como a Hagionímia, Onionímia, Mitonímia, dentre outras, tendo a Toponímia e a Antroponímia como as duas principais, nas quais a maioria dos trabalhos se concentra. A Antroponímia dedica-se ao estudo dos nomes próprios de pessoas, enquanto a Toponímia, também conhecida por alguns como “Onomástica geográfica”, e objeto de análise deste trabalho, refere-se ao estudo dos nomes de lugares, ambas considerando origem, forma e evolução.

Inserida em um contexto interdisciplinar, a Onomástica oferece a possibilidade de desenvolver estudos imbricados com outras áreas do conhecimento, como a Etimologia, a Pragmática, a Geografia, a História, a Paleografia, a Antropologia, a Sociologia, a Literatura etc. Sua forte relação com a Etimologia se fará notável mais adiante, visto que esta atuará como norteadora da análise dos nossos dados ao nos dedicarmos à investigação do percurso entre o étimo ou a origem e o topônimo em questão no que se refere aos nomes dos países latino-americanos, de modo a fundamentar esta pesquisa toponímica.

Salientamos, contudo, a complexidade ainda maior em se realizar um estudo etimológico em Toponímia, especialmente diante da dificuldade de conservação, da veracidade das informações e da abundância de etimologias fantasiosas que muitas vezes são tomadas como verdades absolutas. Nesse sentido, o etimólogo, mesmo munido dos melhores dicionários, é passível de cometer equívocos, visto que também as obras são sempre passíveis de revisão. Logo, e como bem afirma Viaro,

[...] não basta abrir um dicionário etimológico e ler as propostas oferecidas pelos autores como ‘verdade acabada’. As respostas não estão prontas: os autores discordam entre si, propõem várias soluções, elegem esta ou aquela solução e, não raro, erram. (VIARO, 2011, p. 102)

Passemos, então, a entender um pouco mais sobre a América Latina através da perspectiva toponímica.

## 2 América Latina: breves considerações

A expressão “América Latina” está associada muito mais intimamente a questões econômicas e sociais dos países que a compõem do que a um aspecto meramente territorial. Não se trata, é preciso lembrar, de um continente, mas sim de uma alusão aos 20 países<sup>1</sup> colonizados pelos grandes impérios marítimos representados principalmente pela Espanha e por Portugal. Territorialmente, compreende quase toda a América do Sul e Central, mais especificamente: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela (exceto pela Guiana, pelo Suriname e por Belize, que são países de língua germânica). O México, localizado na América do Norte, também a integra.

De um modo geral, apesar dos lautos recursos de suas terras, ainda hoje é uma região que sofre com as consequências do seu passado político, com resquícios de colonização exploratória dos recursos e do capital humano, exportado como mercadoria para o continente europeu. Sua história conhece traços de opressão dos nativos que ali viviam, além dos tristes reflexos deixados pelos anos de escravidão dos negros africanos trazidos para trabalhar nestas terras. Diante de tudo isso e também da grande demora em alcançar a independência – com a maioria se tornando independente apenas há 200 anos –, é que nesses países se observam problemas relacionados à pobreza, à violência, à grande desigualdade social (amenizada em Cuba diante da economia socialista), à insegurança urbana e ao atraso tecnológico, o que os caracteriza como países em desenvolvimento.<sup>2</sup> Isso posto, passemos, então, para a análise dos dados.

## 3 Análise dos topônimos latino-americanos

Com relação à tentativa que aqui empreendemos a fim de recuperar as evidências etimológicas referentes aos topônimos selecionados, foram utilizados os seguintes dicionários: o *Dicionário*

---

<sup>1</sup> Neste trabalho não foram analisados os nomes dos países considerados dependências da América Latina, a saber: Guiana Francesa e Porto Rico.

<sup>2</sup> Informações extraídas do *site* HowMuch.net, baseado em relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) que considera como critério principal, mas não apenas, a renda nacional *per capita*.

*etimológico da língua portuguesa – Tomo II*, de Antenor Nascentes (1952), o *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (1996), o *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, de José Pedro Machado (2003), e o *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*, de Corominas (1954), nos quais encontramos algumas informações sobre como se deu o processo de nomeação dos países latino-americanos. Ademais, outros materiais de apoio também foram consultados, sendo Otero (2006) o mais profícuo destes. Portanto, a análise consistiu do estudo de 20 topônimos, devidamente consultados (quando presentes) nas obras já mencionadas.

Precisamos, no entanto, relembrar que o trabalho com dicionários nem sempre é tarefa fácil. Nas obras consultadas, encontramos algumas definições confusas, muitas vezes sentidas como um palpite e apresentando dissonâncias entre si. Em vários casos, a origem dos topônimos pesquisados simplesmente não foi encontrada, deixando algumas lacunas na análise dos dados. Contudo, também é necessário lembrar que a ciência lexicográfica, assim como o estudo em Etimologia, são muito laboriosos e exigem grande rigor, de modo a quase sempre demandar uma vida inteira de estudos por parte do pesquisador que a eles se dedicam. Destarte, é natural que nem sempre se chegue a um consenso diante, principalmente, da inexistência de informações confiáveis, sendo preferível a não solução que uma solução indevida.

Assim, a respeito das motivações seguidas no momento de escolha dos topônimos, e como será demonstrado a seguir:

A análise comparativa de topônimos latino-americanos permite estabelecer três constantes básicas: vozes provenientes de línguas autóctones, topônimos surgidos na época da conquista da América pelos europeus e ‘novas’ denominações geográfica que se associam com os valores patrióticos (CHESNOKOVA, 2011, p. 14, tradução nossa).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> No original: “El análisis comparativo de topónimos latinoamericanos permite establecer sus tres constantes básicas: voces provenientes de lenguas autóctonas, topónimos surgidos en la época de la conquista de América por los europeos y denominaciones geográficas ‘nuevas’ que se asocian con los valores patrióticos”.

### 3.1 Argentina

Com relação à origem etimológica atribuída a este topônimo, não parece haver dissenso nas obras pesquisadas. Em todas há referência ao étimo latino *argentum*. Assim, para Nascentes (1952, p. 25):

Do adjetivo *argentino*, de prata. Fica nas margens do rio da Prata, q. v. O rio recebeu êste nome em 1526 do piloto Sebastião Caboto, por causa da prata que o piloto encontrou em poder dos naturais e que na realidade havia sido roubada da expedição do português Aleixo Garcia.

Segundo Corominas (1954, p. 262, v. I), para o verbete “Argento”: “‘plata’, tomado del lat. *argentum* íd. *1.<sup>a</sup> doc.*: 1241. Latinismo ocasional que no ha arraigado nunca”. De acordo com Cunha (1996, p. 65), a definição do verbete “argênteo” está ligado a “‘prateado, de prata’ 1572. Do lat. *argentëus* [...]. Do top. *Argentina* [...] Do lat. *argentum*”. Machado (2003, p. 159) traz ainda uma informação geográfica para o verbete “Argentina” quando diz “[...] Do esp. *Argentina*, top., este do adj. *argentino*, «de prata», porque o país está situado nas margens do Rio da Prata (q.v.); também se lhe chama *República Platina*”. Otero (2006, p. 21) também menciona que “A denominação se deve ao fato de que os conquistadores acreditavam existir naquelas terras grande abundância desse mineral [prata]”, já aparecendo em um poema de Dom Martín del Barco Centenera em 1602.<sup>4</sup>

### 3.2 Bolívia

Como veremos a seguir, muitos países latino-americanos receberam seus nomes como forma de homenagear grandes líderes da sua história. Isso ocorreu com a Bolívia, que adquiriu este nome devido ao general Simón Bolívar (1783-1830). Esse fato foi facilmente verificado em todas as obras consultadas. Assim, Nascentes (1952, p. 47) menciona que “‘Bolívia a Bolívar ha debido su nombre’ Eis a inscrição que se encontra na estátua do herói na praça Venezuela em La Paz. O nome foi dado pelo Congresso ao Alto Peru, em 6 de Agosto de 1825, em homenagem ao Libertador”. Em Cunha (1996, p. 117) encontramos o

<sup>4</sup> Mas não pela primeira vez, pois já em documentos latinos apareceria “Civitas Argentina”, traduzidos para o espanhol em 1565 (OTERO, 2006).

verbete “bolívar”, que viria “[...] Do antrop. *Bolívar*, do nome de Simão Bolívar, general e estadista, libertador da Venezuela e da Colômbia e fundador da Bolívia”. Machado (2003, p. 264) também endossa essa visão ao afirmar que é um “Nome formado de *Bolívar* (q.v.), em homenagem ao libertador de grande parte da América do Sul”. Em Corominas (1954), este topônimo não foi encontrado.

Otero (2006) acrescenta ainda que, apesar do próprio Simón Bolívar não concordar, a princípio, com o fracionamento do continente ao separar esse território dos demais que compunham o vice-reino do Rio da Prata, ele foi convencido pelo general Antonio José de Sucre quando este propôs que o nome de Bolívar fosse dado à região. Logo, assim como o país, Sucre, a capital constitucional, também recebeu esse nome em homenagem a uma grande figura histórica.

### 3.3 Brasil

No que tange a este topônimo, observamos que há certa discordância entre os autores pesquisados a respeito da sua história. A explicação que se encontra no âmbito do senso comum é que foi dado em razão de um grande item econômico da época, o pau-brasil, árvore da qual se extraiu a madeira utilizada para tingir tecidos devido à sua coloração vermelha. Sabemos, porém, que essa questão não é tão simples e é também muito mais antiga. Cabe ressaltarmos que, antes de tal designação, a terra na qual os primeiros portugueses desembarcaram, em 22 de abril de 1500, também já recebeu outros nomes, dentre eles Ilha de Vera Cruz, Terra de Vera Cruz (a mudança de “Terra” por “Ilha” se deu quando os portugueses perceberam a grande extensão territorial) e Terra de Santa Cruz, sublinhando, segundo Noll (2008), a tendência aos hagiônimos na toponímia do Novo Mundo. Ainda segundo Noll (2008, p. 120), “Surge a impressão de que uma decisão entre *Santa Cruz* e *Brasil* tenha ocorrido somente por volta de 1530-40. O nome *Brasil* (*terra, terras do Brasil*) era usual, todavia, desde o início, entre a população, enquanto *Terra de Santa Cruz* era usado apenas oficialmente”. Fato é que, desde o início dos Quinhentos, o termo “Brasil” já era encontrado em cartas até mesmo fora de Portugal.

Passemos agora ao que dizem as obras consultadas. Para Nascentes (1952, p. 50):

Do adjetivo substantivado *brasil*, adaptação do fr. *bresil*, moderno *brésil*, corruptela do ital. *verzino*, nome do pau vermelho empregado em tinturaria [...], conhecido muito antes do descobrimento do país. Primeiro «Terra do brasil» [...], depois «Brasil» simplesmente. A derivação de *brasa*, tão aceita, não passa de mera etimologia popular. [...] O comércio português era mais desenvolvido com os países da costa atlântica da Europa do que com os da mediterrânea. Daí ter vindo a palavra através do francês. Que já existia em Portugal antes do descobrimento não oferece dúvida: «Nesta terra ha muito brasyll, o qual faz muyto fino vermelho tanto como grã» [...] A *Vera Cruz* de Cabral, posteriormente *Santa Cruz*, desde cedo na boca dos traficantes de pau-brasil e na de toda gente passou a ser conhecida, pela existência de madeira vermelha, como «terra do brasil».

Divergindo quanto à origem da palavra, mas concordando com Nascentes (1952) quanto à motivação, segundo Corominas (1954, p. 512, v. I), “Probablemente derivado antiguo de *BRASA*, por el color encarnado del palo brasil. *I.ª doc.*: S. XIII [...] Para la relación con el nombre del Brasil, que al parecer deriva del nombre común por la gran cantidad de brasil que de allí se importó [...]”. Corominas (1954) aponta o século XIII como o da primeira documentação, mas também menciona as referências do italiano “*brasil*” (1198), o francês “*brésil*” (século XII) e “*brasil*” (a. 1221). Para Cunha (1996, p. 122), “*brasil*” viria de “*pau-brasil*” XIV. Do it. *brasile*, de origem controversa; ‘*ant.* designação com que os portugueses nomeavam os indígenas do Brasil (e a sua língua) usada com mais frequência no plural’ [...]. Machado (2003, p. 280) apresenta uma longa definição para o verbete “*Brasil*”, que já teria sido documentado pelo menos em 1377 (apesar das aparições no italiano que remeteriam ao século XII), na qual, resumidamente, diz que:

[...] É costume deriva este top. de *brasa*, o que parece um tanto estranho pela suposta intervenção e presença de um suf. -il, tônico, sem vida própria em port., mesmo na sua fase arcaica [...] o pau terá chegado até nós por intermédio de negociantes italianos, os intermediários, durante os últimos séculos da Idade Média, entre a Europa Ocidental e a Ásia. Creio por isso que o étimo dos nossos s.m. *brasil* está no it. *brasile* [...].

Machado (2003, p. 280) complementa, ainda:

Não parece admissível que o top. *Brasil* se deva a intervenção fr., como pretendeu João Ribeiro [...] O uso do s.m. *brasil* em Portugal (como se viu, bastante anterior a 1500) e o fato de, quando muito, quinze anos depois do descobrimento da região sul-americana o mesmo voc. já denominar (certamente de maneira indeterminada quanto à extensão territorial) aquela vasta zona, fazem-me pôr de parte a interessante hipótese de João Ribeiro, para quem o nome da sua pátria seria «o primeiro galicismo» recebido pelos brasileiros.

Otero (2006) explica que existem duas correntes precípua quanto à origem deste topônimo. A primeira se refere à grande quantidade da árvore conhecida como pau-brasil que, por seu tom avermelhado, lembrava brasas e por isso o nome. Já a segunda corrente acredita essa explicação é insuficiente, visto que o nome “Brasil” já figurava em mapas desde 1339. Assim: “Os planisférios da Idade Média dos cartógrafos Portulano de Médicis (de 1351), assim como os de Sollerli, Pinelli, e também os mapas de Picignno, de 1367, mostravam uma ilha chamada Brasil, Bracia ou Berzil [...]” (OTERO, 2006, p. 25).

Por fim, trazemos também a interpretação de Noll (2008, p. 118), que reúne as diferentes versões apresentadas por alguns dos dicionários mais consultados. Assim, e como já indicamos, explica as acepções de Cunha, Machado, Nascentes e também do *Houaiss*, mas discorda destes ao dizer que:

[...] o germ. \**brasa*, ‘brasa’ deve ser considerado como base para *brasil*, devido à associação com a cor vermelha. Uma ligação etimológica com o it. *verzino* (ár. *wars*), como defendem Machado (DELP, *brasil*) e Battisti/Alessio (DEI, *brasile*) não se sustenta, porque nem a evolução fonética nem a datação tardia dos primeiros testemunhos no século XIII concordam. O germanismo híbrido *brasile* se difundiu provavelmente através do italiano e do latim medieval.

Registramos ainda a polissemia do termo, que pode estar associado ao nome do país, ao nome da árvore – o pau-brasil – e, quando no plural, em referência aos índios brasileiros, como se nota na *Carta de Pedro de Campos Tourinho escrita de Porto Seguro a D. João III* (1546).

### 3.4 Chile

Foram encontradas várias versões a respeito da origem deste topônimo, preponderantemente apontando para um termo oriundo do léxico aborígine. Segundo Nascentes (1952, p. 72), em sua longa acepção:

O nome, primitivamente se aplicou ao vale do rio Aconcágua [...] Se o nome foi usado pelos indígenas do país do Aconcágua (o que não consta com segurança), seria possível que se tratasse do nome do pássaro tile, *tili* [...] ou *thile* [...] que como nome próprio pode em mapuche mudar-se em *chile*. Vicente Carvallo Goyeneche e outros supõem que êste é o étimo, o que não parece provável a Lenz porque tal pássaro não é comum. [...] Anrique y Silva propôs o nome do pássaro *chille* (do mapuche), onomatopéico do grito desta espécie de gaivota. Se o nome foi dado pelos peruanos, o que é pouco provável, estão à mão várias palavras das línguas do Peru. Assim, propuseram *chili*, frio, do antigo quichua (Valenzuela), *chilli*, confins do mundo, do aimará (Bertonio). Lenz crê estas etimologias meros jogos de palavras. Lokotsch, *Amer. Wört.*, 32, também acha que é insegura a etimologia de Chile, parecendo-lhe mais aceitável o quichua porque, em relação ao Peru, o Chile é mais frio e ainda mais, o nome a princípio se aplicou somente ao gélido vale do Aconcágua. É também o nome de um rio chileno. Não se pode determinar se o nome passou da região ao rio ou deste à região, observa Lenz com toda a razão.

Corominas (1954) aponta a correspondência da palavra “chile” com a pimenta, assim como Cunha (1996, p. 178), quando diz que chile seria uma “‘variedade de pimenta’ XIX. Do cast. *chile*, deriv. Do náuatle *čilli*”. Para Machado (2003, p. 406), “Do esp. *Chile*, de origem obscura”. Assim como Nascentes (1952), Otero (2006, p. 26-27) também elenca uma grande gama de possibilidades:

Alguns garantem que deriva de ‘Chili’, termo com que os aborígenes aimarás designavam o vale do Aconcágua, e significava ‘lugar onde a terra termina’; não obstante, uma tradução de origem quíchua atribui ao termo o significado de ‘frio’ ou ‘região fria’. O abade Molina e alguns filólogos afirmam que o nome foi dado ao vale pelas primeiras tribos que se estabeleceram na região porque nele abundava um pássaro com manchas amarelas nas asas, chamado pelos mapuches de Trih, Chi, Aili, Tril, Trile ou Trrile, que correspondem ao termo ‘Chili’. [...] Segundo outros

autores, o nome deriva do termo aimará ‘Tili’, que significa ‘limite do mundo’, com o qual os incas designavam esse país. A palavra ‘Chile’ seria uma corruptela desse termo, devida aos espanhóis.

Menciona ainda que o topônimo em questão pode ser advindo do nome de um cacique que governava o vale do Aconcágua antes da colonização ou de um grupo de aborígenes mitimaes de uma região do Peru, onde havia um rio com esse nome (OTERO, 2006). Dessa forma, não se pode afirmar com certeza qual seria a real origem deste topônimo.

### 3.5 Colômbia

Este topônimo não aparece dicionarizado em Corominas (1954) e em Cunha (1996), porém, e como nos diz Machado (2003, p. 435), parece claro que a Colômbia recebeu esse nome como forma de homenagear o célebre navegador Cristóvão Colombo que, em 1492, aportou no continente americano. Nascentes (1952, p. 77) confirma essa motivação quando diz:

Querem alguns, diz Aires do Casal, *Cor.*, I, 4, que o novo mundo devesse tomar de Colombo o nome de Colômbia, e não o que se lhe derivou de Américo; quando muitos declamam ser uma grande injustiça dar àquele navegante a honra de descobridor deste hemifério [...] [assim] de 1886 em diante, *Colombia*.

Otero (2006) endossa tal fato ao afirmar que a escolha por este topônimo se deu pelo próprio Bolívar, em razão de reparar a “injustiça histórica” sofrida por Cristóvão Colombo quando, por conta de Américo Vespúcio, foi escolhido o nome “América” para representar o continente.

Cabe, então, uma explicação de cunho linguístico referente aos topônimos “Bolívia” e “Colômbia”.

### 3.6 Costa Rica

Para Nascentes (1952, p. 81), este topônimo vem “De *costa* (de mar) e do adjetivo *rico*, nome dado por Alvarado, o descobridor, por causa dos múltiplos tesouros do solo, mas especialmente por se crer poder aí encontrar o tão ambicionado ouro”. Em Machado (2003, p. 460-461) encontramos a justificativa de que “[...] pois os Espanhóis, logo após o seu descobrimento em 1502 por Colombo, verificaram o valor do seu território, ainda mesmo no litoral”. Não conseguimos, porém, encontrar

maiores informações diante da ausência deste verbete em Corominas (1954) e em Cunha (1996, p. 222), que apenas menciona a existência de “costarriquenho” como “‘relativo a, ou natural da Costa Rica’ XX”. Segundo Otero (2006, p. 54):

Ao que parece, os espanhóis deram ao país o nome de Costa Rica devido à existência de algumas minas de ouro chamadas El Tisingal, situadas na costa do Atlântico [...]. Também não se descarta a possibilidade de que o nome derive da admiração de Cristóvão Colombo ao observar a natureza exuberante e os adornos que os nativos usavam. Outros autores atribuem ao conquistador espanhol Francisco Fernández de Córdoba a escolha do nome, embora concordem com as fontes anteriores no que diz respeito aos motivos da escolha.

Dessa forma, segundo os autores consultados, se trata de um topônimo motivado por questões geográficas.

### 3.7 Cuba

A origem do nome “Cuba” é praticamente desconhecida. Nascentes (1952, p. 84) diz: “País da América e ilha que constitui a parte principal deste país. Egli diz ser o nome de uma cidade indígena. Lokotsch, *Amer. Wört.*, 43, dá como desconhecida a significação deste nome”. Machado (2003, p. 477) menciona se tratar de um nome indígena, mas também não expõe maiores detalhes. Corominas (1954) e Cunha (1996) não apresentam este verbete da perspectiva toponímica.

Para Otero (2006, p. 77),

[...] derivado da palavra “ciba”, que no idioma siboney significa “montanha”, “pedra” ou “gruta”. Essa não é a única versão para a origem do nome Cuba. Segundo outras fontes, também pode derivar da palavra taina “cubanacan”, que significa “um centro” ou “lugar central”; de “côa”, que significa “lugar”, de “bana”, que se pode traduzir por “grande”; ou então de “cubagua”, cuja tradução é “lugar onde há ouro”.

Portanto, o único palpite ao qual podemos chegar é o de que se trata de um nome oriundo do léxico ameríndio.

### 3.8 El Salvador

Não encontrado em nenhum dicionário consultado. Em Otero (2006, p. 55), lê-se que é um topônimo oriundo de “San Salvador”, aplicado ao território até 1841, “[...] ano em que, com sua independência, os representantes do povo libertado decidiram mudar o nome para El Salvador, visto que o cristianismo era a religião predominante no país”, caracterizando, assim, uma razão religiosa para a atribuição do termo.

### 3.9 Equador

Para este topônimo, Nascentes (1952, p. 99) diz vir “De equador, s. com. Seu território formava três departamentos da Grã Colômbia, os quais dela se separaram em maio de 1830 para constituir a república do Equador, assim chamada por ser atravessada em toda a sua extensão pela linha equinocial”. A definição encontrada nas obras consultadas se refere a Machado (2003, p. 570), quando informa que é “*top.* República da América do Sul, assim chamada por ser atravessada, em toda a sua extensão, por aquele círculo máximo”. Tal topônimo não foi encontrado em Corominas (1954) e Cunha (1996). Otero (2006, p. 29) traz ainda algumas considerações interessantes a respeito da história referente à origem deste topônimo:

A linha equinocial passa por alguns países da América, África e Oceania, mas apenas um tem o nome relacionado a esta. A origem é a seguinte: quando a Academia de Paris, no século XVIII, quis estudar a forma da Terra, pediu autorização do rei da Espanha para enviar os cientistas Godin Buoger e La Condamine à única região civilizada de então situada sobre a linha – a Presidência de Quito, à época colônia da Espanha – para que medissem o arco do meridiano terrestre. Desde então se conhecia essa Presidência como Terras do Equador.

Portanto, não parece haver controvérsias de que essa atribuição se deu por motivos geográficos.

### 3.10 Guatemala

Para Nascentes (1952, p. 132), este topônimo vem:

Da palavra indígena *Quauhtematlan*, que significa «lugar dos montões de lenha» (Egli, Lokotsch, *Amer. Wört.*, 35). O mesmo Lokotsch traz ainda o étimo da língua tzendal *U-hate-z-mal-ha*, monte que mina água, explicado com referência aos numerosos vulcões e suas numerosas fendas [...] Villacorta, *Prehistoria e historia antigua de Guatemala*, 1938, tira do asteca *quarchtli*, água, e *mallan*, cativa.

Para Machado (2003, p. 752), a acepção encontrada se trata de uma “Etimologia controversa [...]. De qualquer modo, a forma actual deve ter-nos chegado pelo esp.”. Cunha (1996, p. 399) apenas nos informa o verbete “guatemalteco”, que se referiria ao “*adj. sm.* ‘relativo à Guatemala, natural ou habitante desse país’ XX. Do cast. *guatemalteco*”, o que não nos esclarece muita coisa. Este topônimo também não foi encontrado em Corominas (1954).

Otero (2006, p. 56) apresenta, ainda, algumas opiniões controversas a respeito da origem deste topônimo, a saber:

Uns garantem que deriva da palavra maia ‘Quauhtemali’, que significa ‘árvore podre’, por causa de uma árvore carcomida que os companheiros de Alvarado encontraram perto da capital. Outros afirmam que significa ‘lugar de muitas árvores’ [...]. Ainda outros supõem que o termo deriva da expressão ‘Tzendaes U-Hate-Z-Mal-Ha’, que significa ‘montanha que vomita água’, dada a grande quantidade de vulcões existentes na área [...] Finalmente, algumas fontes afirmam que Iximché, capital dos cakchiqueles (povo de origem maia), era chamada pelos astecas Tecpán Quauhtlemallan, que significa ‘terra de florestas abundantes’, donde deriva o nome ‘Guatemala’.

Logo, apesar das divergências com relação ao seu significado, todas as propostas parecem vir de uma perspectiva geográfica ou, ainda, territorial.

### 3.11 Haiti

Nascentes (1952) e Machado (2003, p. 765) nos apresentam a mesma definição para este topônimo, “[...] que significa «terra áspera»; Lokotsch [...] prefere «monte», «montanhoso», Séc. XVI: «... donde os Indios os leuarã á outra (ilha) que eles chamão *Ahyti...*»”. Cunha (1996, p. 403) nos traz também uma definição atrelada ao verbete “haitiano”, ao

revelar que se trata de um “*adj. sm.* ‘relativo ao Haiti, natural ou habitante desse país’ 1899. Do top. *Haiti*, voc. que na língua autóctone significa ‘montanhoso’”. Assim, este topônimo também encontra sua motivação em aspectos geográficos. Para Otero (2006, p. 81), “[...] é consenso que os nativos chamavam-na Hayti ou Ayiti, termo que significa ‘terra montanhosa’, do qual deriva o nome Haiti”.

### 3.12 Honduras

A escolha deste topônimo também parece ter se voltado para os aspectos geográficos. Nascentes (1952, p. 142) menciona “Do esp. *hondura*, fundura. «El golfo tiene el nombre, porque, deseando los primeros españoles llegar a tierra y no hallando fondo em muchíssima distancia de la costa, dieron gracias a Dios de haber salido de tantas honduras»”. Machado (2003, p. 784) também apresenta a mesma origem para tal topônimo, como se lê a seguir: “*top.* República da América Central. Do esp. *Honduras*, à letra «funduras», em relação às encontradas perto da costa daquela região por Colombo na sua 4.<sup>a</sup> viagem [...] Séc. XVI: «...& ao porto das *Fonduras...*», *Galvão*, p. 153”. Cunha (1996, p. 415) apenas apresenta definição para o verbete “hondurenho”, quando aponta que se trata de um “*adj. sm.* ‘relativo a Honduras, natural ou habitante desse país centro-americano’ XX. Do cast. *hondurenho*”. Segundo Otero (2006, p. 56):

Tem-se como fidedigna a versão segundo a qual o nome dessa país nasceu da exclamação de Colombo ‘graças a Deus saímos dessas funduras (honduras, em espanhol)’, referindo-se às profundezas do mar perto da costa, quando chegou a uma saliência do território que oferecia refúgio seguro para suas frágeis caravelas, que fugiam de uma terrível tempestade.

### 3.13 México

Nascentes (1952) e Machado (2003) apontam a mesma origem etimológica para este topônimo, com redações bastante similares. Diz-nos Nascentes (1952, p. 200): “Do nauatle *Mexitli*, cognome de Uitzilopotxli, deus da guerra, e *co*, em, junto. Nome que tomou a cidade asteca de Tenochtitlan, por causa da santidade do templo daquele deus”. Na obra de Machado (2003, p. 988) encontramos que “México” se refere a um:

*top.* Cidade e país da América Central. [...] Inicialmente era só nome da cidade, antes chamada *Tenochtilan*. Aqui venerava-se Uitziolopotxili, deus da guerra, cognominado, em nauatle, *Metzxihco*, isto é, *Metz(tli)xith(tli)co*, que, segundo parece, significaria, «no centro da Lua». A considerada santidade do local acabou por impor como nome do sítio aquele epíteto, usado com muita frequência pelos indígenas. Séc. XVI.

Assim como em outros casos anteriores, em Cunha (1996, p. 519) apenas encontramos definição para o gentílico “mexicano”, que diz: “*adj. sm.* ‘relativo ao México’ ‘diz-se de, ou natural ou habitante desse país’ XVII. Do *top.* *Méxic(o) + -ANO*”. Não se trata, portanto, de uma grande contribuição para o nosso objetivo.

Otero (2006, p. 111) menciona um dos grandes problemas encontrados quando nos propomos a estudar a Etimologia quando diz que “Sobre a origem da palavra ‘México’, Arturo Tena Colunga, depois de exaustiva pesquisa, arrolou 45 possíveis origens para o vocábulo e chegou à conclusão de que se propuseram etimologias demais, cada uma mais desatinada que a outra”. Agrupa, contudo, tais propostas em duas correntes principais: uma referente ao Maguey e outra à Lua. Assim, os defensores da primeira teoria acreditam que a primeira sílaba de “México” vem do náuatle “Metl”, que significa “Maguey”, uma planta típica. A segunda sílaba viria da representação do fundador mítico do México, carregando um maguey nos ombros, correspondendo ao termo “Tzin” ou “Tli”, resultando em “Metzin” ou “Mextzin”. Já os adeptos da segunda teoria dizem que no idioma nativo o satélite natural da Terra era chamado “Metztli”, o que explicaria a primeira sílaba. A segunda sílaba, então, viria do termo “ixtli” (“rosto”) ou “xictli” (“umbigo” ou “centro”), enquanto a terceira, “co”, significaria “lugar” ou “lago”. E continua:

Segundo Alfonso Caso, que se baseia nos relatos de fundação de Tenochtitlán, quando os astecas chegaram ao lago da Lua, no centro deste (Anepantla) havia uma ilha cujo nome era México. Por esse motivo, afirma que a verdadeira origem da palavra ‘México’ é, pelo que ficou dito antes, ‘o centro do lago da Lua’ (OTERO, 2006, p. 111).

### 3.14 Nicarágua

Este topônimo foi apenas encontrado nas obras de Nascentes (1952) e Machado (2003), com ambos indicando a mesma proposta de origem etimológica. Para tanto, apresentaremos aqui apenas o encontrado em Machado (2003, p. 1070), quando afirma que “[...] resulta da aglutinação de *Nicarao* e esp. *agua*: «água de Nicarau», cacique que vivia junto de um grande lago e se rendeu ao conquistador Gil Gonçalves em 1522”. Para Otero (2006, p. 58), “O nome do país deriva do nome do cacique dos aborígenes denominados niquiras ou niquiranos, chamado *Nicarao*, segundo uns, e *Nicaragua*, segundo outros – e alguns historiadores afirmam que a raiz do nome significa ‘aqui, perto da água’”. Então, a proposta encontrada é a de que este topônimo também foi atribuído como uma forma de homenagear uma figura importante para a região.

### 3.15 Panamá

Este topônimo é um dos mais controversos analisados neste estudo. Sua origem possui várias interpretações e não foi possível identificar ao certo qual seria a mais provável. Nascentes (1952, p. 231) apresenta algumas explicações quando nos diz que:

A cidade foi fundada junto de uma aldeia de pescadores índios na qual o destacamento mandado de Tobago por Pedro Arias de Ávila encontrou a força expedicionária vinda por terra firme, comandada pelo Dr. Gaspar de Espinosa. Tomou o nome de aldeia, o qual significa no vernáculo «muito peixe» [...] Há outros étimos apontados: o tupi *pana'ma*, borboleta [...], o verbo cuna *panamaquet*, embalançaram a rede.

Já para Corominas (1954, p. 635, v. III): “[...] del nombre de país Panamá, por donde se exportan desde América del Sur estos sombreros, fabricados especialmente en la República del Ecuador. *1.ª doc.*: Acad. 1914 o 1899”. Cunha (1996, p. 575), entretanto, acredita que o verbete “panamá”, tomado como palavra do léxico comum (para tanto, a inicial maiúscula), se refira a “*sm*. ‘chapéu de palha masculino, de copa e abas flexíveis’ 1888. Do fr. *panamá*, deriv. do top. *Panamá*”. Machado (2003, p. 1124), por fim, diz se tratar de um “*top*. País, cidade, istmo e canal na

América Central. Do esp. *Panamá*, este de idioma indígena, nome de aldeia, de origem e significação controversas”.

Segundo Otero (2006, p. 60-61), sobre a origem deste topônimo:

Uns dizem que se deve a uma árvore chamada panamá, muito comum nessa região. Outros dizem que o nome se deve ao fato de a povoação ter sido fundada em agosto, quando há muitíssimas mariposas e que ‘Panamá’ significa, na língua nativa, ‘abundância de mariposas’. A versão mais conhecida é aquela segundo a qual o nome se deve a uma povoação de pescadores aborígenes, que ficava perto da praia, no lugar da primeira fundação da cidade, e que os aborígenes chamavam Panamá, que significa ‘abundância de peixes’. Os grandes chefes da tribo kuna, entre eles, Nele Kantule, garantem que a palavra ‘Panamá’ deriva ‘pannaba’, da língua kuna, que quer dizer ‘muito longe’, termo que os aborígenes utilizavam quando os conquistadores lhes perguntavam onde ficavam as minas de ouro.

### 3.16 Paraguai

Nascentes (1952, p. 233) não está totalmente seguro sobre a origem deste topônimo ao afirmar que:

«Paraguai, afinal, é nome que se não sabe, com segurança, donde vem. Uns pensam que a designação deriva de índios que outrora habitavam a margem oriental do rio; era a nação Paiaguá: Paraguai – rio dos Paiaguás. Pode a verdade, todavia, estar com os outros, os que aceitam para o nome a significação de: rio d[a]s palmeiras: Paraguá- coroa de palmas; I, U ou Y -água ou rio. Grandes bosques de palmeiras cobrem, realmente as suas margens». B. Caetano, 361, dá *para* 'gwa, coroa, grinalda, e *ü*, rio, segundo Montoya, rio das coroas mas podendo também significar «rio dos papagaios».

Machado (2003, p. 1130) confirma se tratar de uma palavra de “Origem em idioma indígena, mas obscura”, enquanto Cunha (1996, p. 580) novamente traz informações apenas para o gentílico “paraguaio”, que seria: “*adj. sm.* ‘do, ou pertencente, ou o habitante do Paraguai’ XX. Do top. *Paraguai*. A forma *paraguayano* ocorre em 1899”. Otero (2006, p. 44) também menciona a dificuldade em encontrar informações seguras sobre este topônimo, mas apresenta algumas alternativas, a saber:

Segundo o dicionário guarani, ‘Paraguai’ significa ‘rio dos marinheiros’, pois ‘Paraguá’ significa ‘marinheiro’, e ‘I’ ou ‘Y’ (dependendo da grafia) significa ‘água’ ou ‘rio’. Outros autores afirmam que se trata da corruptela do nome de aborígenes que habitavam a região, chamados payaguás. Muitos autores afirmam ainda que o vocábulo ‘Paraguay’ significa em guarani ‘um lugar com um grande rio’ ou ‘o lugar com um grande rio’. A essas teorias se soma outra, segundo a qual a palavra significa ‘rio do manancial do mar’ e vem de uma povoação aborígene pré-colombiana chamada Tavaparaguai, que habitou o lugar onde hoje existe a cidade de Assunção. [...] Alguns pesquisadores também sugerem outras origens possíveis, como por exemplo ‘Para-cua-I’, palavras aborígenes que significam ‘água do Cuacamayo’, ou então a junção de ‘paragua’, ‘coroa de palmas’ e ‘I’, ‘rio’, ou seja, literalmente, ‘rio coroado de palmas’. Outras traduções que se podem encontrar são: ‘rio que começa no mar’, ‘braço de mar’ e ‘lugar de grandes águas’.

### 3.17 Peru

Este topônimo não possui origem muito bem esclarecida. Em Nascentes (1952, p. 241) é possível encontrar várias possíveis origens para o termo:

s. m. País da América do Sul. De mui duvidosa origem. A primeira fonte a aliás muito segura no que se refere a este país, Garcilaso de la Veja el Inca, conta nos *Comentarios Reales*, 1.<sup>a</sup> Parte, cap. I, que Balboa, depois de descobrir o mar do Sul (o oceano Pacífico), mandou navios explorar a costa sul-americana. Um destes passou a equador e seus tripulantes viram em determinado ponto um índio pescando à beira de um rio. Quatro deles saltaram em terra e conseguiram aprisionar o índio e leva-lo para o navio. Lá chegando, começaram a fazer-lhe perguntas que ele naturalmente não entendia «nombró su próprio nombre, diz Garcilaso, diciendo *Berú*, y añadió outro y dijo *Pelú*. Quiso decir: «si me preguntáis como me llamo, yo me digo *Berú*; y, si me preguntáis donde estaba, digo estaba em el rio. «Porque es de saber, que el nombre *Pelú*, em el lenguaje de aquella provincia es nombre apelativo, y significa río em común [...] Informa a *Enciclopédia Britânica*: aparentemente de *Biru*, pequeno rio na costa ocidental da Colômbia, junto do qual Pizarro desembarcou. Do nome de um chefe índio chamado *Biru* (*Century*) Do moho ou moxo (família

aruaque) e significando «sapo» ou «jovem» (Valenzuela). Informa Paz Solsán: do aimará e quichua *pillu*, coroa de ouro e flores [...] nome do índio ou do seu chefe, *Pirú, Pelú*; nome de um rio entre Panamá e Guaiquil [...].

Nascentes (1952, p. 241) aponta ainda uma data documental, quando diz “*WörterI*, informa que Pascoal de Andagoya em 1522 soube que a região ao sul do golfo de S. Miguel era chamada *Biru* pelos naturais”. Para Cunha (1996, p. 600), há apenas referência à palavra “peru”, do léxico comum, que diz “*sm.* ‘grande ave galinácea doméstica’ XVII. Do top. *Peru*, provavelmente [...]”. Machado (2003, p. 1167) reproduz uma das versões de Nascentes, trazendo como hipótese mais provável a de que seria o índio que pescava a beira do rio quando foi capturado, mas também confirma se tratar de um topônimo de “origem controversa”. Otero (2006) ratifica a dificuldade em saber qual seria a real origem deste topônimo, mas menciona que a grande maioria aponta para a derivação do nome de um cacique aborígine, de um rio e de uma comarca, respectivamente, a saber: “Berú”, “Pelú” e “Birú”.

### 3.18 República Dominicana

Nascentes (1952, p. 91) diz, para o verbete “Dominicana”, “Nome tirado do da capital, a cidade de *Santo Domingo*” que, por sua vez, recebeu seu nome em homenagem ao santo espanhol São Domingo de Gusmão, o fundador da Ordem Dominicana. Para o verbete “Dominica”, Nascentes (1952, p. 91) diz vir “Do lat. *Dominica*, do Senhor”. Para “dominicano”, Cunha (1996, p. 276) traz duas acepções. A primeira: “*adj. sm.* ‘diz-se de, ou frade ou freira da ordem fundada em 1216 por São Domingos e que segue as regras de Santo Agostinho’ 1844. Do antr. lat. (*Sanctus*) *Dōmīnicus* ‘São Domingos’, de *domīnus*”. A segunda acepção se refere ao gentílico, que diz: “*adj. sm.* ‘relativo a, ou natural da República de São Domingos, nas Antilhas’ 1899. Do cast. *dominicano*. Cp. DOMINAR”. Machado (2003, p. 514) fala que se trata de um “*top.* País da América Central, na ilha de Haiti. Esta chamou-se de *Santo Domingo*, tal como a cidade tornada capital do novo estado que dela tirou o nome (república) *Dominicana*”.

Otero (2006) recorre aos aspectos históricos para esclarecer a origem deste antropônimo. Explica que a toda a ilha (que hoje corresponderia aos territórios do Haiti e da República Dominicana) foi

dado o nome de “La Espanhola”, por conta do financiamento promovido pela Espanha, com capital de nome “Santo Domingo”. Este nome, que mais tarde passou a ser utilizado para designar todo o território, teria sido escolhido como forma de homenagear o patrono da ordem dos dominicanos, encarregados da evangelização dos povos nativos. Depois de todos os conflitos que envolveram essas terras, desde a chegada de Colombo em 1492 até a sua segunda Proclamação de Independência, consagrou-se o nome “República Dominicana”. Portanto, trata-se de um topônimo motivado por questões religiosas.

### 3.19 Uruguai

Em Nascentes (1952, p. 308), lê-se:

s. m. Rio e país da América do Sul. Do guarani. [...] *Uruguay*, na carta de Diogo Garcia, de 1526, interpretado por TS, 338, como: *uru'a ü*, 1526, interpretado como o rio dos búzios ou dos caracóis [...] Martius, 532, viu *u'ru*, corruptela de *guira*, *gwa* e *ü*, água da ave de diversas cores [...] De todo lado se sente a incerteza. O elemento histórico falta em absoluto, para apoiar qualquer das interpretações.

E traz ainda outra questão:

Há certa correlação entre *Paraguai* e *Uruguai* [...] Na final, existem francamente o elemento *ü*, água, rio. Teria *Uruguai* [em referência ao poema de Basílio da Gama] sofrido a analogia de *Paraguai* ou teria havido uma assimilação em *Uruguai*? A questão deve ser resolvida em conjunto.

Em Machado (2003, p. 1448), lê-se que se trata de um “*top*. País sul-americano. Origem obscura: «De todo lado se sente a incerteza. O elemento histórico falta em absoluto, para apoiar qualquer das interpretações»”, com a forma “*Uruguay*” aparecendo em 1526 (na carta de Diogo Garcia), como observado por Nascentes (1952), e ainda “*Uruguai*”, de Basílio da Gama, em 1769. Para Otero (2006, p. 50), este topônimo também vem do guarani e significaria “[...] ‘rio dos caracóis’, uma vez que ‘*Uruguá*’ significa ‘caracol do mar’ ou ‘caracol da água’, pois tanto ‘*Y*’ como ‘*I*’, segundo as grafias, significam ‘água’ ou ‘rio’. Outros autores afirmam que ‘*Uruguai*’ significa ‘rio dos pássaros’ ou ‘rio dos belos pássaros multicores’”. Diante das possibilidades apresentadas,

parece ter sido um topônimo também motivado por questões geográficas, mas faltam informações que confirmem quaisquer uma delas.

### 3.20 Venezuela

Para este topônimo, traremos considerações bem parecidas encontradas em Nascentes (1952) e em Machado (2003). Primeiramente, para Nascentes (1952, p. 312), refere-se a um:

s. f. País da América do Sul. Descoberto por Colombo em 1498, no ano seguinte foi explorado por Hojeda, que chamou golfo de *Veneza* ao atual de Maracaibo, ao ver na praia oriental do lago de Maracaibo uma povoação de índios onotes, com casas construídas sobre estacas [...] A forma diminutiva é usada pelos welsler e seus companheiros [...].

Também para Machado (2003, p. 1466), este topônimo se referiria a um:

*top.* País da América do Sul. Do esp. *Venezuela*, dimin. de *Veneza*. Em 1499, Hojeda chamou golfo de *Veneza* ao actual de Maracaibo por causa das habitações sobre estacas que viu nas suas margens, facto também assinalado, na mesma época, por La Cosa e Vespúcio. Depois generalizou-se o dimin. de *Veneza*.

Otero (2006) concorda com a origem deste topônimo acima apresentada. Assim, ao que parece, a escolha é devida ao navegador espanhol Hojeda, ou Alonso de Ojeda que, ao ver o lugar construído sob palafitas, lembrou da paisagem de Veneza, sendo “Venezuela” o seu diminutivo. Em vista disso, trata-se mais uma vez de uma motivação geográfica.

## 4 Considerações finais

Visto que a Onomástica é uma área de estudo fortemente ligada aos aspectos sócio-históricos e culturais de um povo, o objetivo do compilado de informações apresentado neste artigo foi tentar entender um pouco das idiossincrasias de cada lugar, com línguas e costumes diferentes, porém reunidos sob o mesmo título: latino-americanos. Conhecer, sempre que possível, os acontecimentos históricos de cada

região é uma das formas de nos aproximarmos enquanto povo único, de tantas memórias e de tanta importância no cenário mundial.

Pudemos notar que as razões para a escolha dos topônimos estiveram a cargo dos aspectos geográficos, do intuito de homenagear alguma figura importante para a região ou de motivos religiosos. Como se sabe, muitos itens do léxico onomástico – arriscando dizer que principalmente os que se referem à Toponímia – dimanam de itens do léxico comum quando, não raro, após terem se consagrado como nomes próprios, chegam a “encobrir” a real motivação por trás destes, conduzindo a outros significados, discordes de sua origem etimológica. Dessa maneira, em alguns casos, verificou-se fortemente a atuação do léxico das línguas nativas, em outros, contudo, ficou bastante saliente a influência dos aspectos da colonização que atuaram diretamente não só no que diz respeito ao nome de cada país, mas também nos reflexos que ainda hodiernamente são vistos no modo como vivem seus habitantes.

É claro que, e como já demonstrado, nem sempre é possível afirmar com segurança qual seria a origem de cada topônimo, mas relembramos que, apesar das dificuldades, há um grande fascínio em se realizar estudos que envolvem a Onomástica e a Etimologia, encorajando, assim, que outros pesquisadores continuem a se aventurar por estes caminhos. Para tanto, encerramos com as palavras de Viaro (2004, p. 14), quando nos diz que:

[...] o interesse por etimologia é um fato e qualquer explicação etimológica esclarece de tal forma irregularidades e complicações da língua que é possível afirmar que a etimologia dispõe de uma curiosa capacidade de, uma vez explicitada, dificilmente ser esquecida, pois algo que não fazia sentido de repente passa a fazer.

## Referências

BIDERMAN, M. T. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

CHESNOKOVA, O. Toponímia latinoamericana: un enfoque semiótico. *Forma y Función*, Bogotá, v. 24, n. 2, p. 11-24, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=21925446001>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

COROMINAS, J. *Diccionario Critico Etimologico Castellano e Hispanico*. Madrid: Gredos, 1954.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MACHADO, J. P. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Horizonte: Confluência, 2003. v. II.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

NOLL, V. *O português brasileiro: formação e contrastes*. Tradução de Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

OTERO, E. *A origem dos nomes dos países*. São Paulo: Panda Books, 2006.

VIARO, M. E. *Por trás das palavras: manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo, 2004.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

### APÊNDICE A – Consulta dos topônimos latino-americanos nos dicionários etimológicos

	Nascentes (1952)	Corominas (1954)	Cunha (1996)	Machado (2003)
Argentina	X	X	X	X
Bolívia	X	-	X	X
Brasil	X	X	X	X
Chile	X	X	X	X
Colômbia	X	-	-	X
Costa Rica	X	-	X	X
Cuba	X	-	-	X
El Salvador	-	-	-	-
Equador	X	-	-	X
Guatemala	X	-	-	X
Haiti	X	-	X	X
Honduras	X	-	-	X
México	X	-	-	X
Nicarágua	X	-	-	X
Panamá	X	X	X	X
Paraguai	X	-	X	X
Peru	X	-	-	X
República Dominicana	X	-	X	X
Uruguai	X	-	-	X
Venezuela	X	-	-	X

Fonte: Elaboração da autora.